

REFLEXÕES SOBRE EDUCAÇÃO NO BRASIL EM TEMPOS DE BARBÁRIE E PANDEMIA

REFLECTIONS ON EDUCATION IN BRAZIL IN TIMES OF BARBARY AND PANDEMIC

Danilo de Vasconcellos Ferreira¹

Felipe Radünz Krüger²

Livian Lino Netto³

RESUMO

Este texto tem por objetivo fazer uma breve análise da conjuntura política brasileira e seu reflexo na educação especialmente 2020 e 2021, agravados pela pandemia do COVID-19. Além disso, o avanço neoliberal tomou proporções arrebatadoras, ampliando as dificuldades do povo no país, que, ao longo do governo de Bolsonaro, instaurou o pior cenário de incerteza e desesperança permeado de escândalos que envolvem seus ministérios, especialmente educação e meio ambiente. Diante da conjuntura que fez com que o país fosse epicentro da pandemia na América do Sul, com milhares de mortos, houve um aumento do desemprego, e no campo da educação, o ensino remoto deixou milhares de jovens e crianças fora da escola. Diante deste contexto, analisamos brevemente os últimos dois anos, apontando que é necessário urgentemente lutar contra o autoritarismo deste governo, valorizar professores e pesquisadores e criar alternativas à barbárie.

Palavras-chaves: Educação; Pandemia; Conjuntura política.

ABSTRACT

This text aims to briefly analyze the Brazilian political situation and its impact on education, especially in 2020 and 2021, when the COVID-19 pandemic aggravated them. In addition, the neoliberal ideology advance took sweeping proportions, increasing the challenges in the country during Bolsonaro's government, creating the worst

¹ Professor de História do Instituto Federal Sul-rio-grandense, Campus Jaguarão. É Mestre em Ensino de História pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Especialista em Mídias na Educação pelo Instituto Federal Sul-rio-grandense. e-mail: danilofrk@gmail.com

² Professor de História da rede municipal das cidades de Pelotas e Rio Grande, Rio Grande do Sul, extremo sul do Brasil. É Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Mestre em História pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel. e-mail: eliperadunz@gmail.com

³ Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Pelotas, Bolsista CAPES. Mestra em Educação pelo Instituto Federal Sul-rio-grandense, Campus Pelotas. Licenciada e bacharela em Ciências Sociais - UFPel. e-mail: livianlino@gmail.com

scenario of uncertainty and hopelessness, permeated by scandals involving government ministries, especially the education and the environment ones. Given the situation that made the country the epicenter of the pandemic in South America, with thousands of deaths, there was an increase in unemployment, and, in the education field, remote teaching left thousands of young people and children out of school. Given this context, we briefly analyze the last two years, pointing out that it is urgently necessary to fight against this government's authoritarianism, value teachers and researchers, and create alternatives to barbarism.

Keywords: Education; pandemic; political situation.

1. INTRODUÇÃO

Este texto tem por objetivo fazer uma breve análise da conjuntura política dos últimos dois anos no Brasil e seu reflexo na educação agravado pela pandemia do COVID-19 e o avanço neoliberal sobre a educação e sua oferta. O contexto que se apresenta, desde 2018, com a eleição do então presidente da república, consolidou um ataque aos investimentos em educação no país. Antes mesmo de sua eleição, o Brasil já sofria com a Proposta de Emenda Constitucional 241, chamada de PEC do teto de gastos, anunciada pelo governo Michel Temer em 2016.

Na educação, a extrema direita avança com seu projeto político de deslegitimação da ciência e ataca com movimentos como o “Escola Sem Partido”, que tem por objetivo denunciar a “doutrinação política” nas escolas. A área das Ciências Humanas, a qual nós autores deste texto pertencemos, sofre com a diminuição da carga horária e com o modelo apresentado pela Base Nacional Comum Curricular, que de certa maneira tenta homogeneizar o conhecimento.

Acusando as Instituições de Ensino Superior (Universidades e Institutos Federais), professores e estudantes, de promoverem “balbúrdia”, justificando os seus cortes na educação, o presidente Jair Bolsonaro afirmou, em uma fala durante uma de suas *lives*⁴, que o atual Ministério da Educação deveria ter por objetivo desestimular crianças e adolescentes a se interessarem por política nas escolas. Segundo ele, “queremos uma garotada que comece a não

⁴ O atual Presidente da República, Jair Bolsonaro, semanalmente faz transmissões ao vivo em suas redes sociais para fazer comunicados sobre suas decisões no governo ou para informar, ou se comunicar com seus eleitores.

se interessar por política, como é atualmente dentro das escolas, mas comece a aprender coisas que possam levá-las ao espaço no futuro”⁵.

Diante deste cenário, nosso objetivo é discutir acerca do avanço neoliberal na educação, e a desigualdade exposta nas escolas, que ficou mais evidente com a pandemia do COVID-19. Neste dia em que finalizamos a escrita deste texto, alcançamos a marca de 600 mil mortes pela doença, e apesar do avanço, mesmo que lento da vacinação, da reabertura de vários setores da sociedade, assim como das escolas, também batemos a marca de 14,4 milhões de desempregados⁶. Cerca de 1,4 milhões de crianças e adolescentes ficaram fora das escolas e 5,5 milhões não tiveram atividades escolares devido à pandemia⁷.

É nesse sentido que a pandemia demonstra que ainda vivemos uma barbárie, e precisamos de alternativas, e uma delas é a esperança. Como diz Paulo Freire (1996), a esperança é um condimento indispensável à experiência histórica, sem ela não haveria história, mas puro determinismo. Só há história onde há tempo problematizado e não dado previamente. O futuro não está dado, ele é o que fazemos dele agora.

2. EDUCAÇÃO NO BRASIL ATUAL

Distopia é uma visão pessimista sobre o futuro das sociedades. Diversos literatos se consagraram na ficção científica imaginando: o que de pior poderia acontecer? George Orwell, no clássico, 1984, é um ótimo exemplo. Leitores do ensino médio à graduação tiveram contato com suas obras e as associam, de forma metafórica, aos governos autoritários do “breve século XX”, como diria Hobsbawm. Com teor político, Orwell demonstra como lideranças autoritárias podem ser danosas à sociedade. Eis que, no final de 2018 e no início de 2019, em terras tupiniquins, elegeu-se Jair Messias Bolsonaro.

⁵ Jair Bolsonaro em discurso durante a posse do ministro da Educação Abraham Weintraub em abril de 2019. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-queremos-uma-garotada-que-comece-a-nao-se-interessar-por-politica,70002785320>. Acesso em 02 de outubro de 2021.

⁶ Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>

⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/volta-as-aulas/noticia/2021/01/28/brasil-tem-quase-14-milhao-de-criancas-e-adolescentes-fora-da-escola-diz-estudo-do-unesf-com-dados-do-ibge.ghtml>. Acesso em: 07 de outubro de 2021.

Nem mesmo Orwell, Huxley e Bradbury conseguiram esboçar as características do bolsonarismo. O Brasil passa por momentos difíceis. A extrema direita subiu ao poder nos últimos anos pelos processos democráticos de eleições e a cada pleito, um novo choque: xenofobia, neofascismo, racismo, nacionalismo branco, famílias tradicionais, (no caso do Brasil, uma família inteira no poder), conservadorismo religioso e ataques aos movimentos sociais.

O eleitorado brasileiro alçou ao poder um governo ultraliberal de extrema direita, com um discurso marcadamente homofóbico, anti-intelectual e racista. Nesse sentido, Levitsky e Ziblatt (2018) apontam que, as democracias morrem de uma maneira menos dramática, mas muito destrutiva, pelas mãos dos líderes eleitos. Ideais neoliberais, conservadores, religiosos, propagados em discursos que defendem e incentivam as liberdades individuais, e o empreendedorismo de si, como alternativas fundamentais para a superação da crise agravada pelo COVID-19.

Tais preocupações se mostraram necessárias, pois transcorridos quase dois anos do início do mandato do atual presidente Jair Messias Bolsonaro (sem partido), o que parecia apenas promessas de campanha voltadas para um eleitorado retrógrado e afinado com uma parcela significativa das igrejas neopentecostais, vêm se concretizando em uma política de desmonte, descaso e ingerência da educação brasileira. Como aponta o professor, ex-ministro e candidato derrotado no pleito de 2018, Fernando Haddad, não se trata de uma agenda liberal contra uma “visão de esquerda”, mas de uma agenda pré-moderna contra o próprio iluminismo (HADDAD, 2019 *apud* CÁSSIO, 2019).

Até o momento em que o trabalho vem sendo desenvolvido, três ministros passaram pela pasta da educação. O primeiro, o colombiano Ricardo Vélez Rodrigues, teve sua curta passagem marcada pela inoperância, ausência de projetos e por polêmicas envolvendo o patrono da educação no Brasil, Paulo Freire. Para seu lugar fora nomeado o professor e economista Abraham Weintraub, autoproclamado “antimarxista” e discípulo do também autoproclamado filósofo Olavo de Carvalho - figura influente na consolidação das ideias de extrema direita que formam o escopo ideológico definido como “bolsonarismo” (REIS, 2020). Enquanto conceito, Reis (2020) o define como um conjunto de propostas e valores associados à ascensão política

de Jair Bolsonaro à presidência da República, sendo essa a expressão nacional de um fenômeno maior e internacional de reações e mutações vistas como mortais a tradições, valores e costumes.

Desde o período eleitoral, a educação figurou como uma parte do discurso do então candidato da extrema direita. Seu programa propunha um salto de qualidade, com ênfase na educação infantil, básica e técnica, porém chamando atenção para a necessidade de se combater aquilo que setores da extrema direita chamam de “ideologia de gênero”⁸ — conceito em ascensão entre as hostes ultraconservadoras a partir do ano de 2014, quando, segundo Balieiro (2018), novos empreendedores morais passaram a travar um embate a fim de barrar iniciativas educacionais sob a perspectiva de gênero.

O patrono da educação brasileira Paulo Freire também fora apontado como inimigo e responsável pelo fracasso educacional do país, pois segundo as críticas, sempre superficiais, teria sido o seu método o responsável pela baixa qualidade do ensino e sobretudo pela “doutrinação comunista” dos jovens brasileiros.

245

Em relação às verbas destinadas à pasta, o problema não seria a quantidade, posto que seriam suficientes, residindo o problema na má gestão delas. Duas questões apareciam entre as propostas centrais: a introdução do empreendedorismo como disciplina escolar, algo já existente nos sistemas privados de ensino; e a possibilidade do ensino domiciliar, conhecido nos Estados Unidos como *homeschooling*, como forma dos pais terem mais autonomia e controle sobre os conteúdos que chegam até seus filhos (CISLAGHI *et al.*, 2019).

Já na presidência, a gestão do Ministério tem sido marcada pela inoperância, polêmicas e ausência de um projeto claro para a pasta. O primeiro-ministro da educação do mandato de Jair Bolsonaro pouco ou nada realizou de concreto, já o segundo causou grandes preocupações através do já citado corte de bolsas e de um contingenciamento de recursos, causando apreensão e estrangulamento nas Universidades e Institutos Federais, condicionando a liberação dos

⁸ Premissa difundida entre organizações conservadoras/reacionárias, aliança entre evangélicos e católicos mais ortodoxos e projeto escola sem partido, que defendem a família e costumes tradicionais, que unidas divulgam visões distorcidas a partir da teoria queer, para impedir que se alcance a equidade entre os gêneros e a diversidade sexual (REIS; EGGERT, 2017).

orçamentos à aprovação da reforma da previdência, numa evidente, porém, descabida, chantagem política. Tal política de cortes gerou aquela que foi a maior reação popular protagonizada contra o governo Bolsonaro até o ano de 2020, reação essa organizada pelos estudantes, que promoveram intensas mobilizações contra os cortes no ensino público, levando cerca de um milhão às ruas do país (DULCE; CARVALHO; CONSOLE, 2019).

No ano de 2020, em plena pandemia do coronavírus, no dia 18 de junho, ocorreu a queda do segundo ministro da educação, considerado pela ONG Todos Pela Educação, bem como por diversos sites jornalísticos, o pior ministro da educação que o país já teve. Uma passagem tão meteórica quanto catastrófica, marcada por discussões inócuas, paranoias conspiracionistas, constrangimentos internacionais e performances teatrais nas redes sociais.

Porém a sucessão não foi menos atrapalhada. A nomeação de um novo ministro, o professor Carlos Alberto Decotelli da Silva, acabou obstaculizada devido ao mesmo ter inflado o próprio currículo com informações fraudulentas acerca de títulos de mestre, doutor e estágio pós-doutoral. A vaga acabou sendo preenchida por Milton Ribeiro, professor, teólogo e pastor presbiteriano. Como de praxe, foram poucas as ações concretas acerca de políticas educacionais, por outro lado frases homofóbicas e ataques à categoria dos professores deram visibilidade ao personagem que nada apresentou em termos práticos.

O quadro de incertezas acima descrito, caracterizado por ataques aos marcos civilizatórios mais básicos, bem como aos elementos basilares da Constituição de 1988, é o cenário que se classifica como barbárie, pois ao invés de caminhar em direção à inclusão, cidadania, elevação de valores e práticas democráticas, aprofunda questões como o preconceito, a intolerância, a desvalorização do ensino como ferramenta transformadora da sociedade é possível promotora da redução das desigualdades. O aspecto mais lamentável de tal cenário, é que a barbárie está sendo promovida como projeto político.

3. PANDEMIA, DESIGUALDADE E ENSINO REMOTO

Os anos de 2020 e 2021 foram marcados por abruptas transformações devido à epidemia de COVID-19. Os impactos foram elevados nas mais diversas atividades humanas. No Brasil,

aumento significativo do desemprego, a volta ao mapa da fome e escândalos de corrupção em torno da compra de vacinas para vírus SARS-CoV-2, denunciadas em uma Comissão parlamentar de inquérito por funcionários do Ministério da Saúde⁹ pioram os efeitos da pandemia.

No campo da educação, os impactos das imposições geradas nesse período necessitarão de análises posteriores para que se possa dimensionar a amplitude do fenômeno, porém é possível apresentar as mudanças que ocorreram em decorrência da necessidade ao se estabelecer o isolamento social como forma de contenção da disseminação do vírus (BRASIL, 2020b).

Como já apontamos na introdução deste texto, os dados que dizem respeito à educação no país já eram preocupantes antes mesmo da pandemia. Cortes em áreas estratégicas para o desenvolvimento do país já vinham ocorrendo desde a crise política que resultou no processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff no ano de 2016.

Seguida da PEC 241, chamada de PEC do Teto de gastos pelo governo, e de PEC da morte pela oposição, houve uma redução drástica nos investimentos em educação, bem como o corte de diversos programas como a extinção do Ciências Sem Fronteiras, e afetando programas de formação como o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). No momento em que terminamos a escrita e revisão deste artigo, o Ministério da Economia anuncia o corte de 600 milhões de reais em recursos previstos para o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações.

Na nossa experiência na cidade de Pelotas, as aulas da rede pública de ensino foram suspensas no dia dezessete de março de 2020. Já na rede privada, uma reunião entre as entidades decidiu sobre a suspensão das atividades presenciais a partir do dia dezanove de março, com previsão de retorno no dia seis de abril, prorrogada inúmeras vezes, até meados de agosto de 2021. As escolas privadas, ao decretarem a suspensão das atividades presenciais, anunciaram que as aulas não estavam suspensas, mas que se utilizam de plataformas digitais

⁹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/cpi-da-covid-entenda-caso-covaxin-a-denuncia-de-propina-para-compra-de-vacina-de-vendedor-da-davati-25087249>. Acesso em: 05 de outubro de 2021.

para enviar atividades e conteúdo para os alunos. Iniciou-se, a partir desse período, uma série de experimentos por parte das escolas privadas de como se adequar a uma rotina que parecia ser provisória.

No primeiro momento determinou-se que professores ficariam responsáveis pela gravação de vídeo aulas, utilizando seus próprios equipamentos (celulares, *notebooks*, *tablets*) e que, posteriormente, seriam disponibilizados através da plataforma *Google Classroom* (sala de aula). Esse modelo vigorou por algumas semanas, mas quando confirmada a prorrogação da suspensão das aulas, começaram a ser articuladas alternativas que possibilitam maior interação entre professor/estudante.

As escolas de maneira geral optaram por distintas plataformas. Uma estabeleceu o uso da ferramenta *Google Meet*. Escolas privadas disponibilizam o acesso através de plataformas de grupos de educação, como Maestro vinculada ao sistema SOMOS. Enquanto outras escolas optaram pela ferramenta de videoconferências online Zoom. Em comum, as diferentes escolas, assim como a totalidade das escolas privadas de Pelotas, estabeleceram que as aulas seriam ministradas através de atividades síncronas — com conexão simultânea entre professores e estudantes, com a possibilidade de interação em tempo real.

Após algumas reuniões e atividades de treinamento, as equipes de professores, retornaram às aulas através de atividades síncronas nos mesmos horários e carga horária do período anterior a suspensão das atividades presenciais. Enquanto alguns professores passaram a utilizar lousas tradicionais ou digitais para o desenvolvimento das aulas, outros passaram a utilizar programas de slides para a exposição dos conteúdos ministrados.

A recepção dos estudantes ao novo modelo foi diversa. Alguns acharam interessante a possibilidade de manter as aulas no contexto da pandemia e da necessidade do isolamento social, outros relataram dificuldades em manter o foco nas aulas, além de questões relacionadas à dinâmica familiar, como ter de dividir o computador, ou ter que acessar de telefones celulares que impossibilitam certos recursos. Neste caso, ficou evidente que nas escolas públicas as dificuldades eram para além do uso das ferramentas digitais. Muitas famílias dependiam das

cestas básicas fornecidas eventualmente pelo governo do estado¹⁰, além de, muitas delas não terem nem energia elétrica em casa. Houve relatos em grupos de aplicativos de mensagens, os quais se multiplicavam para a resolução de problemas e organização das equipes escolares, de famílias de estudantes que não possuíam energia elétrica, bem como pedidos de doações¹¹ para a compra de velas, ou gás de cozinha, que nos últimos meses está em torno de 100 reais.

No ensino público do Estado do Rio Grande do Sul, um calendário dividido em três etapas foi elaborado com início no mês de junho (BRASIL, 2020). De março a abril, as escolas forneceram materiais aos estudantes através de redes sociais, como *Facebook* e *WhatsApp*, em sua maioria, ou através de plantões em que estudantes ou seus pais buscavam o material em dias estabelecidos pelas direções das escolas. No mês de maio, o governo do estado antecipou as férias dos professores e ao retornar no mês de junho já estavam em andamento as capacitações, que acontecem pelo ambiente virtual da Secretaria Estadual de Educação (SEDUC-RS), bem como o *Google* na versão empresarial chamada G Suíte — que possui amplas funções para que estudantes e professores comesçassem o ensino remoto efetivamente. As etapas dividiram-se em: inserção de professores e alunos no ambiente digital; capacitação e avaliação; e retorno das atividades. As atividades foram retomadas de forma híbrida, utilizando a plataforma *Google Classroom*, contemplando encontros presenciais através da ferramenta *Meet* e postagens de conteúdos e atividades no ambiente virtual da sala de aula online.

Cabe referenciar, dentro da presente contextualização, mais dois aspectos: a desigualdade no acesso à internet, e a educação e percepção dos estudantes, atores centrais do processo. Em matéria do jornal *Brasil de Fato*, aponta-se que 58% dos domicílios brasileiros não possuem computadores e 33% não possuem internet, elementos que são fundamentais para o desenvolvimento das aulas remotas (OLIVEIRA, 2020). Em relação aos estudantes, segundo a pesquisa “Juventude e a Pandemia do Coronavírus”, realizada através de uma parceria de

¹⁰ Disponível em: <https://www.estado.rs.gov.br/merenda-escolar>. Acesso em 01 de novembro de 2021.

¹¹ Durante o ano de 2020 especialmente, em grupos formados por professores das escolas da rede pública, constantes eram os pedidos de doação e ajuda para que estudantes e suas famílias pudessem ter o básico de alimentação, e acesso à internet para realização das atividades exigidas, mesmo que, as escolas tivessem plantões para entrega de material físico, em diversos momentos, o aumento de casos da COVID-19 e o contágio, não permitia tal acesso.

diversas entidades (ATLAS, 2021)¹², quando perguntados se o lado emocional tem prejudicado os estudos no contexto da pandemia, 49% responderam que concordam totalmente, quando perguntados se teriam dificuldades para se organizar para estudar à distância, 48% afirmaram concordar totalmente e, quando perguntados se havia dificuldade para sanar dúvidas sem contato presencial, 44% concordaram totalmente. Seguro de que as respostas variam de acordo com a faixa etária e condições socioeconômicas, ainda assim, é perceptível pelos dados e pelo contato com os estudantes que não tem sido um período fácil (ATLAS, 2021). As angústias naturais de uma fase de escolhas e incertezas, somaram-se aos novos desafios e obstáculos que ainda precisaremos superar juntas e juntos.

Acreditamos na educação. Em práticas que estimulem e possibilitem a reflexão, em seu sentido freiriano, para o desenvolvimento de uma curiosidade crítica (FREIRE, 1996). Acreditamos também, na consciência histórica que os estudantes possam desenvolver quando a educação é libertadora, e, nesse sentido, orientá-los em suas ações do cotidiano (SCHIMIDT, 2014).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para nós, professores e pesquisadores brasileiros, fica evidente que o atual cenário é trágico. Situação pior que a nossa, apenas a dos discentes. Alunos de diferentes posições sociais enfrentam empecilhos no universo da aprendizagem, entretanto, ressaltamos que os estudantes da rede pública foram infinitamente mais afetados pela realidade pandêmica devido às questões socioeconômicas.

Não menos importante, ressaltamos que a nossa percepção sobre o ensino nos exemplos apresentados caracteriza-se por uma atmosfera de incertezas e experiências. Professores e alunos estavam enfrentando um momento singular. Nesse sentido, as experiências foram diferentes. Alguns não enfrentaram dificuldades. Já outros, não conseguiram realizar tarefas básicas pelas mais diversas razões.

¹² Ver mais da “Pesquisa Juventudes e a Epidemia do Coronavírus. 2020” em: ATLAS, 2021.

Por fim, se a dura realidade do presente não fosse suficiente, a intransigência de Bolsonaro e suas nefastas políticas parecem jamais arrefecer. O cidadão brasileiro é bombardeado constantemente com ameaças autoritárias e inflação galopante. Não poderíamos esperar atitudes diferentes frente à educação. O governo nunca apresentou projeto, mas uma tentativa de destruição da educação. A barbárie em seu sentido mais puro.

REFERÊNCIAS

- ALERJ. **Projeto de Lei Escola Sem Partido** nº 2474/2014. Rio de Janeiro: Alerj, 2014.
Disponível em:
<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro1519.nsf/e00a7c3c8652b69a83256cca00646ee5/eb1ea658e79837fc83257eba006992a1?OpenDocument> Acesso em: 10 Fev. 2020.
- ATLAS da juventude. [Principal]. In: **Atlas da juventude**. [S.l.s.n.], 2021. Disponível em:
<https://atlasdasjuventudes.com.br/juventudes-e-a-pandemia-do-coronavirus/>. Acesso em: 12 nov. 2020.
- BARCA, Isabel. (2000) **O pensamento histórico dos jovens**. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia Universidade do Minho.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Começa a implantação das aulas remotas na rede estadual de ensino**. Secretaria da Educação. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2020.
Disponível em: <https://educacao.rs.gov.br/comeca-implantacao-das-aulas-remotas-na-rede-estadual-de-ensino>. Acesso em: 30 nov. 2020.
- BRASIL. **Portaria Nº 356** de 11 de março de 2020. Brasília, DF: Presidência da República, 2020.
- CÁSSIO, Fernando. **Educação contra a barbárie**: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- CISLAGHI, J. F. *et al.* **Não é uma crise, é um projeto**: a política de educação do governo Bolsonaro. In: 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019. Anais do 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais. Brasília, DF: 2019. Disponível em:
<https://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/764/744>. Acesso em: 5 dez. 2020.
- DULCE, Emilly; CARVALHO, Igor; CONSOLE, Luciana. Mais de um milhão vão às ruas em defesa da educação e contra a reforma da Previdência. In: **Brasil de fato**. 15 maio 2019.

Geral. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/05/15/em-todos-os-estados-brasileiros-vao-as-ruas-em-defesa-da-educacao-e-contra-bolsonaro>. Acesso em: 13 dez. 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 13. ed. Rio: Paz e Terra, 1983.

HARVEY, David. **O neoliberalismo**: história e implicações. São Paulo: Loyola, 2008.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

OLIVEIRA, Caroline. Com aulas remotas, pandemia escancara desigualdade no acesso à educação de qualidade. *In: Brasil de Fato*. 4 jun. 2020. São Paulo: Brasil de fato, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/06/04/com-aulas-remotas-pandemia-escancara-desigualdade-no-acesso-a-educacao-de-qualidade>. Acesso em: 30 nov. 2020.

PRUDENCIANO, Gregory; BARCELLOS, Renato. '**Mortes evitáveis**', '**falta de liderança**': **as frases de Hallal e Werneck à CPI**. *In: CNN*. 24 jun. 2021. São Paulo: CNN, 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2021/06/24/mortes-evitaveis-falta-de-lideranca-as-frases-de-hallal-e-werneck-a-cpi>. Acesso em: 10 jun. 2021.

REIS, D. A. Notas para a compreensão do bolsonarismo. **Estudos Ibero Americanos**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 1-11, jan.-abr. 2020.

REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 38, nº. 138, p. 9-26, jan./mar., 2017.

SCHMIDT, Maria A. M. S. Cultura histórica e aprendizagem histórica. **Revista NUPEM** (online), Rio de Janeiro, v.6, p. 31-50, 2014.

Submetido: 28/07/2022

Aprovado: 03/09/2022